

Oração, raízes e esperança

Na Audiência de hoje o Papa Francisco interrompeu o ciclo sobre a carta aos Gálatas, para transmitir os acontecimentos e impressões sobre sua última Viagem Apostólica a Budapeste e à Eslováquia.

22/09/2021

Irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de vos falar sobre a Viagem Apostólica que realizei a Budapeste e à Eslováquia, que se

concluiu precisamente há uma semana, na quarta-feira passada. Resumi-la-ei assim: foi uma peregrinação *de oração*, uma peregrinação *às raízes*, uma peregrinação *de esperança*. Oração, raízes e esperança.

1. A primeira etapa foi em Budapeste, para a Santa Missa de encerramento do Congresso Eucarístico Internacional, adiada exatamente de um ano por causa da pandemia. Houve uma grande participação nessa celebração. O povo santo de Deus, no dia do Senhor, reuniu-se perante o mistério da Eucaristia, pelo qual é continuamente gerado e regenerado. Foi abraçado pela Cruz que se erguia sobre o altar, mostrando a mesma direção indicada pela Eucaristia, ou seja, o caminho do amor humilde e abnegado, do amor generoso e respeitador de todos, da via da fé que purifica da mundanidade e conduz à

essencialidade. Esta fé purifica-nos sempre e afasta-nos da mundanidade que nos arruina a todos: é um caruncho que nos corrói por dentro.

E a peregrinação de oração concluiu-se na Eslováquia, na Festa de Nossa Senhora das Dores. Também ali, em Šaštín, no Santuário da Virgem das Sete Dores, um grande povo de filhos veio à festa da Mãe, que é também a festividade religiosa nacional. Então, a minha foi uma peregrinação de oração no coração da Europa, começando pela *adoração* e terminando com a *piedade popular*. Rezar, pois o Povo de Deus é chamado sobretudo a isto: adorar, rezar, caminhar, peregrinar, fazer penitência e nisto tudo sentir a paz, a alegria que o Senhor nos dá. A nossa vida deve ser assim: adorar, rezar, caminhar, peregrinar, fazer penitência. E isto é de particular importância no continente europeu, onde a presença de Deus está diluída

– vemo-lo todos os dias: a presença de Deus está diluída – pelo consumismo e pelos “vapores” de um pensamento único – estranho, mas real – fruto da mistura de velhas e novas ideologias. E isto afasta-nos da familiaridade com o Senhor, da familiaridade com Deus. Também neste contexto, a resposta de cura vem da oração, do testemunho e do amor humilde. O amor humilde que serve. Retomemos esta ideia: o cristão existe para servir.

Foi isto que vi no encontro com o povo santo de Deus. O que vi? Um povo fiel que sofreu a perseguição ateia. Também o vi no rosto dos nossos irmãos e irmãs judeus, com os quais nos recordamos *do Shoah*. Pois não há oração sem memória. Não há oração sem memória. O que significa isto? Que nós, quando rezamos, devemos recordar a nossa vida, a vida do nosso povo, a vida de tantas pessoas que nos acompanham na

cidade, tendo em consideração qual foi a sua história. Um dos Bispos eslovacos, já idoso, ao saudar-me disse-me: “Eu fui condutor de elétrico para me esconder dos comunistas”. Este é um bom Bispo: na ditadura, na perseguição ele era um condutor de elétrico, depois, escondido, exercia o seu “ofício” de Bispo e ninguém o sabia. Assim é na perseguição. Não há oração sem memória. A oração, a memória da própria vida, da vida do próprio povo, da própria história: fazer memória e recordar. Isto faz bem e ajuda a rezar.

2. Segundo aspeto: esta viagem foi uma peregrinação às *raízes*.

Encontrando-me com os irmãos Bispos, tanto em Budapeste como em Bratislava, pude tocar com as próprias mãos a memória grata destas raízes da fé e da vida cristã, vívidas no exemplo luminoso de testemunhas da fé, como o Cardeal Mindszenty e o Cardeal Korec, e o

Beato Bispo Pavel Peter Gojdič.
Raízes que remontam ao século IX, à obra evangelizadora dos santos irmãos Cirilo e Metódio, que acompanharam esta viagem como uma presença constante. Senti a força destas raízes na celebração da Divina Liturgia em rito bizantino, em Prešov, na festa da Santa Cruz. Nos cânticos senti vibrar o coração do santo povo fiel, forjado por tantos sofrimentos padecidos em nome da fé.

Insisti várias vezes que estas raízes estão sempre vivas, cheias da linfa vital que é o Espírito Santo e que devem ser preservadas como tais: não como peças de museu, não ideologizadas nem instrumentalizadas por interesses de prestígio e de poder, para consolidar uma identidade fechada. Não! Isto significaria atraí-las e esterilizá-las! Para nós, Cirilo e Metódio não são personagens a ser comemorados,

mas modelos a imitar, mestres dos quais aprender sempre o espírito e o método da evangelização, assim como o compromisso civil – durante esta viagem ao coração da Europa pensei muitas vezes nos pais da União europeia, como a sonharam não como uma agência para distribuir as colonizações ideológicas na moda, não, como eles a sonharam. Assim entendidas e vividas, as raízes são garantia de futuro: delas brotam frondosos ramos de esperança. Também nós temos raízes: cada um de nós tem as próprias raízes. Recordamos as nossas raízes? Dos pais, dos avós? E estamos ligados aos avós que são um tesouro? “Mas, são velhos...”. Não, não: eles deram-te a linfa, debes ir ter com eles e haurir para crescer e ir em frente. Não dizemos: “Vai, refugia-te nas raízes”: não. Não. “Vai às raízes, haure nelas a linfa e vai em frente. Vai para o teu lugar”. Não vos esqueçais disto. E repito-vos o que disse muitas vezes,

aquele verso tão bonito: “Tudo o que a árvore tem de florido vem do que tem soterrado”. Podes crescer na medida em que estás unido às raízes: a força vem-te dali. Se cortares as raízes, tudo novo, ideologias novas, não te leva a nada, não te faz crescer: acabarás mal.

3. O terceiro aspeto desta Viagem: foi uma peregrinação *de esperança*.

Oração, raízes e esperança, os três traços. Vi muita esperança nos olhos dos jovens, no inesquecível encontro no estádio de Košice. Também isto me deu esperança, ver muitos, muitos casais jovens e tantas crianças. E pensei no inverno demográfico que estamos vivendo, e aqueles países florescem com casais jovens e crianças: um sinal de esperança. Especialmente em tempos de pandemia, este momento de festa foi um sinal forte e encorajador, também graças à presença de muitos casais jovens com os seus filhos.

Igualmente forte e profético foi o testemunho da Beata Ana Kolesárová, jovem eslovaca que defendeu a própria dignidade contra a violência à custa da vida: um testemunho que infelizmente é relevante como nunca, pois a violência contra as mulheres é uma chaga aberta em todo o mundo.

Vi esperança em muitas pessoas que, silenciosamente, se ocupam e se preocupam com o próximo. Penso nas Irmãs Missionárias da Caridade do Centro Belém, em Bratislava, muito bem, irmãzinhas, que recebem os descartados da sociedade: rezam e servem, rezam e ajudam. E rezam muito e ajudam muito, sem pretensões. São as heroínas desta civilização. Gostaria que todos nós agradecêssemos à Madre Teresa e a estas religiosas: todos juntos aplaudamos estas boas religiosas! Elas acolhem os desabrigados. Penso na comunidade cigana e em todos

aqueles que dedicam a eles num caminho de fraternidade e inclusão. Foi comovedor partilhar a festa da comunidade cigana: uma festa simples, que sabia a Evangelho. Os ciganos são nossos irmãos: devemos acolhê-los, devemos estar próximos como fazem os Padres salesianos ali em Bratislava, muito próximos dos ciganos.

Estimados irmãos e irmãs, esta esperança, esta esperança de Evangelho que pude ver na viagem, só pode ser realizada e concretizada se for declinada com outra palavra: *juntos*. A esperança nunca desilude, a esperança nunca vai sozinha, mas *juntos*. Em Budapeste e na Eslováquia encontramos-nos, *juntos*, com os diferentes ritos da Igreja católica, *juntos* com os nossos irmãos de outras Confissões cristãs, *juntos* com os irmãos Judeus, *juntos* com os crentes de outras religiões, *juntos* com os mais débeis. Este é o

caminho, porque o futuro será de
esperança se permanecermos *juntos*.
Não sozinhos: isto é importante.

E depois desta viagem, no meu
coração há um grande “obrigado”.
Obrigado aos Bispos, obrigado às
Autoridades civis; obrigado ao
Presidente da Hungria e à Presidente
da Eslováquia; obrigado a todos os
colaboradores na organização;
obrigado aos muitos voluntários;
obrigado a todos os que rezaram. Por
favor, acrescentai ainda outra
oração, para que as sementes
lançadas durante a Viagem deem
bons frutos! Rezemos por isto.

Saudações:

Saúdo cordialmente os peregrinos de
língua portuguesa e sobre cada um
invoco as bênçãos do Senhor.
Agradeço a quantos rezaram por esta

minha viagem e, por favor, juntai
uma oração mais para que as
sementes então espalhadas
produzam bons frutos. Que Nossa
Senhora vos acompanhe e proteja, a
vós todos e aos vossos entes
queridos.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/oracao-raizes-
e-esperanca/](https://opusdei.org/pt-br/article/oracao-raizes-e-esperanca/) (03/02/2026)